

A LUCTA

Santa Catharina—Desterro—Quinta-feira 4 de Junho de 1885

ANNO I

REDACÇÃO DE JOSÉ RAPOSO

NUMERO 7

EXPEDIENTE

A «Lucta» assignar-se-ha no escriptorio do «Jornal do Commercio», á Praça Barão da Laguna n. 14, á razão de 1\$ por trimestre e de 1\$200 com porte pelo correio, devendo o pagamento ser feito adiantadamente.

Publicar-se-ha duas vezes por semana, ás quintas-feiras e domingos, sendo vendido o numero avulso a 40 rs.

O numero atrazado da «Lucta» custará 100 rs.

Publica-se annuncios a 40 rs. a linha e artigos ineditoriaes a 60 rs.

Ficam encarregados de receber assignaturas para a «Lucta» os seguintes senhores:

Francisco Monteiro Cabral, na Laguna e freguezias;

João Cabral de Mello, no Tubarão.

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes, tanto da capital como de fóra, se sirvam reclamar immediatamente, quando houver irregularidade na entrega d'esta folha.

Os originaes enviados á redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

A LUCTA

Desterro, 4 de Junho de 1885.

No noticiario da Voz do Povo fomos encontrar algumas linhas, que bem de perto nos tocam e

as quaes, vê-se logo, foram escriptas por pessoa, que não é Catharinense e a quem os interesses d'esta provincia parecem merecer muito pouca importancia.

Diz o nosso collega:

«Pessoas de reconhecido criterio e influencia, distinctos catharinenses, manifestam francamente desejo de unir esta provincia á do Rio Grande do Sul, no intuito de melhorarem os destinos d'esta terra para onde o governo não presta a importancia e attenção precisas.»

Meditou bem o collega antes de escrever o que ahí fica transcripto?

Não.

Em primeiro lugar a questão é delicadissima e carece de ser tractada com o cuidado que merece a autonomia d'uma provincia.

E depois onde estão esses «catharinenses distinctos, criteriosos e cheios de influencia»? onde foi buscá-los o collega? não reparou que um catharinense, que seja distincto, criterioso e de influencia não pôde ter o desejo de ver a sua provincia perder os seus fóros de independente, sem que tambem elle, que assim o quiz ponha o criterio, a distincção e a influencia á margem, como cousas inuteis?

Perguntem ao portuguez, que emigrou para o nosso paiz, que aqui tem familia, que se relacionou:

—A União Iberica seria uma força; vamos alliar Portugal a Hespanha...

E elle, por mais miseravel que seja, dirá:

—Não: Se Portugal é fraco, já teve em compensação os seus dias de gloria; a independencia vale tudo, e nós nos governamos por nós mesmos, vivendo das nossas terras, do nosso trabalho.

Attenda a isso o redactor da «Voz do Povo».

Portugal e Hespanha são dous reinos, é verdade; Rio Grande e Santa Catharina são duas provincias de um Imperio, mas, provincia, ou reino, ou imperio, deve haver a autonomia que é o principio da liberdade, e a liberdade é tudo.

Accrescenta o collega:

«De accordo com a opinião dos que assim pensam, fazemos votos para que se realizem esses intentos.»

Para essas phrases temos um unico commentario:

Retire-se a cabeça do novo jornal, porque a «voz do povo» não pôde ser o grito do servilismo e da miseria.

Ainda o collega:

«Venha a felicidade e a civilização completa do povo, o progresso da provincia, os meios, finalmente, de engrandecimento, e não façamos questão de sermos catharinenses ou riograndenses, desde que somos sempre brasileiros.»

Com este conceito o collega apenas quer dizer que nós precisamos de ir mendigar em mesa estranha para não morreremos á fome, que precisamos de outrem para sahirnos do estado meio barbaro, meio-civilizado em que nos encontra o redactor da «Voz do Povo» e que, turco ou chinez, venha-nos o «pitêo» prompto e de nada se fará questão.

Bello modo de pensar! Esplendida theoria!

A final:

«Já é tempo de irmos pondo «as manguinhas de fóra.»

Como o collega é propheta e como se illude!

Se o Rio Grande nos quizer engordar, acredite o collega que terá o direito do dono de casa sobre o fa-

mulo —havemos de obedecer e pôr as manguinhas, mas é para dentro.

É o que é.

Agora sabe o redactor da «Voz do Povo» o que é preciso para termos importancia, felicidade, civilisação, engrandecimento e podermos pôr as «manguinhas de fóra»?

E' trabalhar: tirar d'este solo uberrimo o vegetal que alimenta e dá a riqueza; sermos verdadeiramente catharinenses e mandarmos para o parlamento deputados, que pugnem pelos nossos interesses e que gozem de conceito e influencia.

Mas o collega sabe perfeitamente: a terra jaz inculta, e os homens enviados pelo «suffragio» das urnas á representação nacional são, como os que lá estão, ineptos e improprios para conseguirem qualquer coisa do governo para a nossa terra.

Os homens jazem na indolencia e a politica arrebatada ao parlamento cidadãos como o illustrado Dr. Taunay para lá collocar os Mafrá e os Schutel que, apenas, servem para a risota de seus collegas e para os commentarios alegres da imprensa.

Haja trabalho aturado, a grande iniciativa, a politica mesquinha, de botica, dando lugar ao patriotismo, e então seremos felizes como as nossas co-irmãs, que laboram e florescem sem a intervenção do governo.

Sejamos catharinenses e não haverá necessidade de nos unirmos ao Rio-Grande.

Consta-nos que na cadeia d'esta capital os presos doentes são tractados de modo a moverem compaixão.

As informações que a esse respeito temos são tristissimas e, por isso, chamamos a attenção d'aquelles que têm o dever de providenciar sobre tal estado de cousas.

Ao menos que os toque a misericordia que merecem os enfermos.

Admittamos a publicação da biographia de Victor Hugo.

Sabbado enceta a *Associação Dramatica Catharinense* a serie de seus espectaculos com uma festa de liberdade.

Ao appello que faz a distincta sociedade ao publico d'esta capital juntamos a nossa humilima voz para bradar aos bons catharinenses:

—A festa é de liberdade: um infeliz escravizado muito espera dos vossos elevados sentimentos.

Afinal veio ordem para que fosse pago aos remeiros do escaler da policia do porto o ordenado que ha muito tempo não viam.

A ordem foi dada pelo ministerio do imperio, sem que ainda tenha «piado» o da justiça.

Pie ou não, os homens vão ser pagos, e isso nos satisfaz.

O Exm. Presidente da provincia mandou imprimir alguns relatorios que estavam a empoeirar-se e estragar-se pelas prateleiras da secretaria.

Do trabalho typographico foi encarregado o *Gabinete* do Sr. João Margarida, artista laborioso e muito conhecido.

A secretaria da presidencia não teve a delicadeza de enviar-nos um exemplar, mas, como tivemos occasião de ver um sobre a mesa de redacção do *Jornal do Commercio*, damos a noticia por merecer applauso o acto do Dr. Paranaçuá e louvores o modo porque foi executado o trabalho.

Quanto á secretaria seja mais amavel para outra vez.

QUADRATINS

O nosso collega da *Voz do Povo* diz no seu primeiro numero que depois de concluido o jardim da praça Barão da Laguna será para elle um prazer ver as pessoas que aportam a estas plagas encontrarem «um jardim pittoresco e amenizador onde, n'uma noite poetica de verão, ao nascer da lua, ou n'uma manhã esplendida de primavera, ao

romper do sol, possam gozar as delicias do amor e do prazer que não esperavam encontrar entre nós!»

Com que, o collega está afflicto por apreciar os outros a gozar *as delicias do amor* allumiados pela lua?

Deve ser bonito; mas nós, como somos muito vergonhosos, não gostamos de quadros vivos do genero imaginado pelo illustre contemporaneo.

Safa, que o collega já veio no primeiro numero com umas cousas!...

Quem tal diria.

Diz a *Voz do Povo*, no seu primeiro numero, e em artigo de fundo, que se não fosse o seu apparecimento (d'ella) o povo ficaria sem ter quem tractasse os seus interesses (d'elle, povo).

Na opinião d'ella (*Voz do Povo*) havia aqui falta de um orgão que *fizesse alguma cousa, embora pouco, em bem da causa do progresso.*

E vai propalando (má lingua; o que vale é que ninguém a acredita) que o nascimento da garganta, perdão, da *Voz do Povo* foi um *páu por um olho*; que vai fallar mais do que *preto do leite* sobre tudo e sobre todos.

Se não fosse a *Voz do Povo*...

Sim, porque os outros collegas e nós somos para ahí uns *panaes depalha* que para nada servimos.

Foi bem bom apparecer o jornal novo; só assim Santa Catharina teria imprensa.

Por conseguinte... chiiiiii... pou, pou...

(Isto é foguete e de lagrimas em signal de regosijo pelo apparecimento do defensor dos direitos do povo, que, pobresito, estava a morrer á mingua por falta de orgão.)

Se não fosse a *Voz do Povo*...

Seguiu para a cõrte, no dia 31 do passado, o sr. Manoel Pinto de Lemos.

Falleceu n'esta capital, a 31 do passado, o antigo negociante d'esta praça João Ferreira Coelho.

A quarta pagina do ultimo numero do *Moleque* só pelo retrato do sr. Crespo vale tudo.

A gente olha para a figura e diz logo:

—E' um tamanco. E' um *Simão*.

Mas sempre o dito sr. Cre-po.

Entre elle, o tamanco, e *Simão* ha tanta affluidade que seriamos capazes de dizer que são... parentes.

E a posição *amazixada*?

Faz-nos lembrar o

Quebra, quebra, *seu* Castiço.

Faça isso

Com gosto e habilidade;

Mostre que foi direito

E teve geito

No tempo da mocidade.

Assim, *Moleque*, dê-lha com a caricatura que elle se presta.

Foi demittido do lugar de guarda de numero do Thesouro Provincial Carlos Augusto Caminhã e nomeado para substituí-lo Antonio Rodrigues Garcia Junior.

Graças ao Dr. Delegado da junta central de hygiene publica estamos livres do tal tapume á praia do Menino Deus. Respiremos.

O *Moleque* completou domingo seis mezes de existencia.

Parabens, e mais outros, muitos outros seis mezes.

A *Voz do Povo* é um titulo bonito, não acham?

Pois é o de um novo jornal, que domingo começou a ser publicado, n'esta capital, e que promete dar, entre nós, incremento á idéa republicana, e, por conseguinte, advogar a grande causa da liberdade.

Ande-nos com isso, collega: o tentamen é nobre e, Deus queira, que encontre muita gente que o leia e pague os respectivos 4\$000 reis da assignatura do semestre.

O charuto

Arado pelo fogo do inferno seja o torrão maldito onde nasceu a folha do charuto!

A chuva candente de Sodoma e Gommorra tisse a folha do tojo e do carasco que nascer no terreno que te produziu!

Fripiras, gotta, paralytia e morte tollham os dedos que te colheram!

O sol, que te soccou, morra nos olhos de quem te trouxe aqui!

As mãos que te enrolaram, charuto infame, sequem-se, mirhem-se como as das mumias de Memphis.

E para vós, contratadores, caixas, comarqueiros, e estanqueiros do contrato do tabaco, para vós o inferno ilimitado, a região tenebrosa dos condemnados, onde ha o ranger dos dentes, e o sempiterno horror!

Para vós, Borgias, para vós, raça de Locusta, e de Briavilliers, para vós, envenenadores impunes, o patibulo neste mundo, d'onde fugia espavorida a vergonha e a justiça; e as caudales de sulphur em combustão eterna nas furnas tartareas, onde é de fé que dá urros medonhos um condemnado chamado *Nicot*, que trouxe para a Europa o tabaco, e teve a imprudencia de o trazer a Portugal em 1560, onde viera com a embaixada de França.

Porque os vossos charutos, propinadores de venenos, ennegrecem as substancias organicas, como o acido sulphurico.

São amargos e causticos como o acido nitrico.

Calcina os beiços como o acido hydrochlorico.

Queimam a larynge como o acido phosphorico.

Laceram o esophago como o acetato de chumbo.

Fulminam e despedaçam como o acido hydrocyanico.

••

Ha cinco seculos que a raça proscripta de Israel soffreu em Paris uma perseguição sanguinolenta. Morreram milhares de judeus entre labaredas, por-

que a calumnia infamando a religião do Messias, disse que o povo judaico tentára envenenar as fontes e poços de França.

E vós, judeus christianisados; caixas do tabaco derramaes veneno á luz do meio dia; abris as vossas tendas, vendeis pelo preço de vossas carruagens a droga homicida, mataes a mocidade d'uma nação, que asphyxia ás mãos dos velho; a vós, que alimentaes o vicio alheio com o crime proprio, quem vos castiga, quem vos queima, quem vos enforca, quem vos obriga a fumar um charuto de vintem?

Portugal, tu queimavas os judeus industrioses, a quem deveste os melhores livros de sciencias, as obras primas da arte, os dinheiros extorquidos á pobre raça, que tão caros pagou os trinta dinheiros que julas não comeu? Queimavas o povo inoffensivo, nação de cafres, e das refrescos, e condecorações, e honrarias, e montes de ouro aos envenenadores publicos, aos sicarios de charuto, que te desentranham a alma n'um rolo de fumo negro!

Que é dos vestigios da civilisação christã? Que é da égide que protege o fraco dos affrontamentos do forte? Em que lapide está a escriptura da lei que assegura a vida do homem?

A Roma pagã era o sanctuario da justiça. Ahi os propinadores de venenos eram clandestinos. A mão cruenta do verdugo ia arrancal-os ao segredo das suas fornalhas, o mandava-os de presente ao diabo.

Lucius Cornelius Sylla, a tua lei de supplicio para os empeçuhadores vale só de per si uma legislatura desta herda de tocados rotos, que nos espremem da algibeira 1\$960 reis diarios, por cada cabeça.

Aqui, ha o morrer sem recurso de revista, o expirar em vomitos negros, o tossir rispido da bronchite, as asthmas offegantes, o ronco profundo da pieira laryngea, os deliquios da cabeça atordoada, a podridão dos dentes, as fendas carboniformes dos beiços, os abcessos pulmonares, as hemorragias, de sangue apostemado:—ha tudo isto,

debaixo deste céu impassível, na presença do código criminal, n'um paiz onde trabalha a electricidade dos arames, onde se comem *omelettes sucrées* e *soufflés*, e d'onde se mandam rapazes para o estrangeiro, estudar *beneficencia*.

Mentira! Mentira e esca não!

Se quereis beneficiar este paiz, não mandeis lá fóra, oh parvos governadores da Barataria, não mandeis lá fóra estudar o processo do bem-fazer

Vêde-me este moço, que apenas tem vinte e dois annos, e já precoces sulcos da doença lhe enrugam a fronte. A cutis macilenta, onde deviam vicejar as rosas da adolescencia, adhere aos ossos, desmadrulados e cariados, uma tosse violenta lhe reteza os musculos do pescoço, expedindo nas glandulas salivares um puz granuloso, pardo, e alcalino.

Estimulando-se com cognac e absintho, esta especie de cretino, bestificado por uma enfermidade incuravel, apenas consegue dizer tres tollices ácerca de Donizetti, sentado n'um mocho de botequim, encostando o corpo enervado á banca dos licôres incitantes.

Sabeis quem reduziu esse vegetal n'tão quebrantado estiolamento?

Foi o charuto!

O contacto do tabaco empeçonhará a seiva desse moço, que os fados, menos poderosos que os caixas, talvez tivessem destinado para exercer o magisterio do folhetim, maximo esforço da intelligencia, n'uma epoca e n'um paiz, cujo amor ás lettras não vale a correspondencia de uma local bem poetica como a do baile do sr. fulano.

Voltai para esse corpo achacadiço e apodrentado o vosso animo beneficente, Sanchos Panças, lerdos, pantalões administrativos.

Chamai a juizo os vampiros que sugaram o soro desse sangue aguado que o faz tolhiço para tudo.

Fazei a autopsia de um charuto como este, e vereis que ha aqui dentro um tilo de couve lombarda, uma carochi socca, uma folha de leituga, uma casca de boloto, e tres grão-inhos excrementicios do rato ou coelho.

Horrivel, e sujamente infernal!

Senhores deputados! não se mata assim impunemente um povo!

As nações tyrannizadas, quando a oppressão requinta, erguem-se como um só homem, e fogem para o Aventino.

Os envenenadores congregaram-se em conciliabulo de abutres, e crearam o charuto de vintem, a pitada do meio grosso e o cigarro onde cresce o musgo como em parede velha: Cadafalso para os envenenadores!

O conselho de saude bundeado n'este tripudio de cambaes, fórma o cortejo scientifico das pareias que nos arrebanham para a região dos suicidas. Morte ao conselho!

Não ha typhos, nem choleras, nem febre amarella, senhores deputados! Ha charutos, ha o meio-grosso, e o cigarro. A epilemia não está nos canos, senhores; está n'estes canos, por onde os contratadores cospem affronta e morte na face do povo.

Que elles sejam malditos setenta vezes sete vezes, como se diz no Oriente.

Na hora do trespasso, a alma d'elles, tismada pelo remorso, será negra como este charuto, d'onde eu sorvi um puz que me queime os bofes... Vai-te, infame!

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

INEDICTORIAL

ALVORADAS

Nem a *Voz do Povo*, nem a romaria ao Morro, causarão tanta sensação ao publico como a entrada, para o prélo, das *Alvoradas*, esplendidas poesias do Sr. Carlos de Faria.

Assigna-se a 1\$000 réis o volume, á rua de João Pinto n. 32.

ANNUNCIOS

ADVOGADO

THOMAZ A. F. CHAVES

Praça Barão da Laguna n. 32

COLLEGIO SANTA MARIA

INTERNATO E EXTERNATO
DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

5 Rua da Paz 5

As aulas d'este collegio funcionam regularmente das 9 ás 6 horas da tarde.

Os Srs. Paes de familia poderão visitar o estabelecimento a qualquer hora do dia, sendo-lhes ali ministradas as informações que pedirem para a admissão de alumnos.

O director

Custodio Teixeira Raposo

GABINETE AMERICANO

3 RUA DA LAPA 3

Sobrado

Impressão de facturas em tinta preta ou de côres, despachos, cartões de visita, ditos commerciaes, recibos de talão, rotulos, etiquetas, etc., tudo feito com brevidade, nitidez e a preços commodos.

O MEQUETREFE

HEBDOMADARIO HUMORISTICO,
CRITICO, SATYRICO E ILLUSTRADO

56 Rua da Quitanda 56
(CORTE)

Preço das *a-signaturas* para as
provincias

Anno 20\$000

Semestre 12\$000

Pagamento adiantado

Correspondente da Empreza n'esta
provincia

JOSÉ RAPOSO

APONTAMENTOS

ORPHANOLOGICOS

A SAHIR DO PRÉLO BREVEMENTE
Aos Srs. subscribers desse livro roga-se o obsequio de mandarem pagar a importancia de suas assignaturas, á Praça Barão da Laguna n. 32.

IMP. NA TYP. DO « JORNAL DO COMMERCIO »